

O Corpo em Paulo Freire e Michel Foucault como forma de repensar relações de poder intraescolares



Vinicius Siqueira de Lima
vinicius.lima121@gmail.com

Mestre e doutorando em ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e Adolescência da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Membro do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (GIEL/CNPq)

**O CORPO EM PAULO FREIRE E MICHEL FOUCAULT COMO FORMA DE
REPENSAR RELAÇÕES DE PODER INTRAESCOLARES**

**THE BODY IN PAULO FREIRE AND MICHEL FOUCAULT AS A WAY OF
RETHINKING INTRA-SCHOOL POWER RELATIONS**

**EL CUERPO EN PAULO FREIRE Y MICHEL FOUCAULT COMO FORMA
DE REPENSAR LAS RELACIONES DE PODER INTRAESCOLARES**

Resumo

O objetivo deste artigo é articular as noções de corpo em Michel Foucault com a perspectiva do corpo consciente em Paulo Freire. A partir de uma revisão bibliográfica, entende-se que o corpo disciplinar é produto das relações de poder que constituem a escola na sociedade moderna, mas, através de exemplos concretos, propõe-se que o corpo consciente é uma chave de leitura para compreender a possibilidade de formar novas relações dentro da escola, remarcar os corpos dos participantes de círculos de cultura, promover uma visão crítica da sociedade e a construção coletiva de conhecimento

Palavras-Chave: corpo consciente, corpo dócil, círculo de cultura, poder disciplinar

Abstract

The aim of this article is to articulate the notions of body in Michel Foucault with the perspective of the conscious body in Paulo Freire. Through a bibliographic review, it is understood that the disciplinary body is a product of the power relations that constitute the school in modern society, but, through concrete examples, it is proposed that the conscious body is a key to understanding the possibility of forming new relationships within the school, redefining the bodies of participants in culture circles, promoting a critical view of society and the collective construction of knowledge.

Keywords: cuerpo consciente, cuerpo docil, círculo de cultura, poder disciplinario.

Resumen

El objetivo de este artículo es articular las nociones de cuerpo en Michel Foucault con la perspectiva del cuerpo consciente en Paulo Freire. A partir de una revisión bibliográfica, se comprende que el cuerpo disciplinario es producto de las relaciones de poder que constituyen la escuela en la sociedad moderna, pero, a través de ejemplos concretos, se propone que el cuerpo consciente es una clave de lectura para comprender la posibilidad de formar nuevas relaciones dentro de la escuela, redefinir los cuerpos de los participantes en círculos de cultura, promover una visión crítica de la sociedad y la construcción colectiva de conocimiento.

Palabras-clave: conscious body, docile body, circle of culture, disciplinary power

Introdução

A escola é um dispositivo de diferentes funções na sociedade moderna: desde a socialização à circulação de saberes validados como essenciais para a constituição dos sujeitos que, mais tarde, exercerão a função de trabalhadores, cidadãos, pais, mães e amigos¹. Dentro da escola, o corpo dos alunos é um objeto de técnicas de poder que são vistas de maneira crítica pelas análises foucaultianas e pelo olhar freiriano, mas, ao mesmo tempo, trata-se de uma instituição concreta e atuante que permite sua reelaboração e sua utilização para fins diferentes dos instituídos. O corpo, enquanto alvo de uma série de técnicas de poder, também é uma condição de existência daqueles que frequentam a escola e, justamente por isso, pede um olhar que articule uma visão relacional do poder com uma visão fenomenológica do agir humano no interior deste espaço.

Objetivos

A partir deste artigo, pretendo realizar uma leitura da noção de corpo a partir das elaborações do filósofo francês Michel Foucault e do pedagogo brasileiro Paulo Freire, estabelecendo uma articulação entre o corpo consciente, noção freiriana para explicar de maneira material o estatuto ativo dos seres humanos em sociedade; o corpo dócil, noção foucaultiana para explicar a maneira como o corpo é marcado pelo poder nas sociedades modernas e a noção geral foucaultiana de corpo enquanto aquilo que não detém uma essência ou uma qualidade inerente, enquanto aquilo que existe como elemento social e somente em sociedade, através de sistemas de poder e tipos de saber, assume sua forma histórica e possibilita o agir em sociedade.

Tal leitura pretende unir a crítica foucaultiana ao poder disciplinar com a possibilidade da autonomia e libertação promovidas pela leitura freiriana, partindo do princípio de que o corpo precisa ser marcado pelo poder e compreendendo que a marcação do corpo não necessariamente precisa ser disciplinar, mas pode ser voltada à liberdade. Desta forma, produzir uma leitura foucaultiana voltada para a produção de corpos livres.

¹ Segundo a Constituição Federal de 1988, artigo 205.

Método

Neste artigo, foi feita uma pesquisa de natureza básica, cuja função é a ampliação dos conhecimentos teóricos da área estudada (Silva, 2015, p. 50), com objetivo de refletir sobre os conceitos utilizados para entender o ser humano num contexto escolar; de tipo bibliográfica, que tem como vantagem a cobertura de fenômenos a partir de uma bibliografia adequada e já produzida (Gil, 2008), cuja “importância da pesquisa bibliográfica está relacionada ao fato de se buscar novas descobertas a partir de conhecimentos já elaborados e produzidos” (Brito, Oliveira & Silva, 2021. p. 8) e tendo como fonte as obras dos autores principais abordados e de seus comentaristas; e de abordagem qualitativa, que “trabalha com o universo dos significados” (Minayo, 2007. p. 21) pois se trata de uma reflexão não quantificável com exigência de interpretação.

Discussão

O corpo consciente para Paulo Freire

Para Paulo Freire, falar sobre o corpo é falar sobre este objeto material que, ligado à consciência, é intenção em carne. Intenção que se faz na realidade através do ato e, de um ponto de vista fenomenológico, através da consciência intencionada. Numa passagem do subjetivo ao objetivo e vice-versa, o corpo é esta ferramenta de se colocar no mundo, é corpo consciente.

O homem é um corpo consciente. Sua consciência, “intencionada” ao mundo, é sempre consciência *de* em permanente despego até a realidade. Daí que seja próprio do homem estar em constantes relações com o mundo. Relações em que a subjetividade, que toma corpo na objetividade, constitui, com esta, uma unidade dialética, onde se gera um conhecer solidário com o agir e vice-versa (Freire, 1983, p. 74).

Acima de tudo, este corpo consciente é um corpo em que agir e conhecer atuam numa dialética incessante em que o sujeito que age, na mesma medida que pensa, assume a posição de um ser que, estando no mundo, faz parte deste mundo. O corpo constantemente está em relação ao mundo e esta relação faz do corpo um objeto de conhecimento e uma ferramenta de conhecer.

É esta relação que possibilita ao corpo consciente transformar a realidade que o cerca e, ao mesmo tempo, adequar-se ao mundo compreendendo através da comunicação com outros homens e mulheres que se comunicam. Merleau-Ponty nos ajuda a compreender este estatuto do corpo:

Engajo-me com meu corpo entre as coisas, elas coexistem comigo enquanto sujeito encarnado, e essa vida nas coisas não tem nada de comum com a construção dos objetos científicos [...] É por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo "coisas" (Merleau-Ponty, 1999, pp. 252).

Este sujeito encarnado e suas ações, na perspectiva freiriana, é um sujeito social, ou seja, a ação no mundo envolve a emergência de certo tipo de comunicação, de um tipo de comunicação que é o intermédio do ser humanos com outros seres humanos:

Corpo consciente (consciência intencionada ao mundo, à realidade), o homem atua, pensa e fala sobre esta realidade, que é a mediação entre ele e outros homens, que também atuam, pensam e falam (Freire, ,1983. p. 64).

Homens e mulheres que atuam, pensam e falam se comunicam com outros homens e mulheres que atuam, pensam e falam. A comunicação é o elemento que os une, seja pela convergência ou pela divergência, seja na harmonia ou na tensão. O corpo consciente, assim, se coloca na realidade social enquanto corpo social, enquanto corpo cultural. O corpo que percebe, que atua ativamente enquanto percepção, é um corpo que também é percebido e, em sua relação com o mundo e com os outros corpos conscientes, estabelece uma comunicação passível de interpretar coletivamente a realidade que lhe cerca. Paulo Freire, em diálogo com Adriano Nogueira, aponta essa passagem do corpo humano ao corpo consciente:

Veja que a mão humana é tremendamente cultural. Ela é fazedora, ela é sensibilidade, ele é visibilidade; a mão faz proposta, a mão idealiza, a mão pensa e age. E eu faço ênfase nesses movimentos pelo quais o corpo humano vira corpo consciente. O corpo se transforma em corpo percebido. E ele descreve, ele anota que, em sua transformação, a vida social está mudando também. O corpo age e, durante suas atitudes, ele desaninha de si e de suas relações o conhecimento sobre a vida. Uma das facilidades que a gente aprende aí é essa multiplicidade de códigos e linguagens. O corpo expressa suas descobertas, esse corpo se agrupa em um grupo e se expõe em movimentos sociais (Freire; Nogueira, 1993, pp. 34-35).

Há uma consequência em admitir a passagem do corpo humano para corpo consciente: compreender seu caráter social e cultural, mas também seu caráter existencial, é compreender que tal existência só pode acontecer num contexto histórico-social específico. Paulo Freire separada a esfera biológica humana, que nos une a todos os outros animais, e explicita as esferas próprias do humano:

Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo — o da História e o da Cultura (Freire, 1967, p. 41).

O homem, assim, animal que cria, mas que é atravessado pela história, tem nela e na cultura suas esferas privilegiadas de existência. O corpo, portanto, não é uma representação teórica fixa ou metafísica, não é inerte nem constituído por características a-históricas. O corpo é a história, mesmo que em sua manifestação local. A necessidade do estabelecimento da comunicação pode ser entendido como aquilo que é a-histórico nas relações humanas, mas a comunicação na prática e a constituição dos homens enquanto sujeitos da comunicação é a história marcada no corpo concreto, é a consciência tomando forma histórica e, portanto, é a história atravessando os corpos e os tornando reais. O corpo consciente é real, é um corpo da vida prática. Segundo Bezerra (2021):

O corpo define quem somos para nós, para os outros e para o mundo. Ele é fronteira ao mesmo tempo em que é o atravessador. O corpo nos identifica, inclui e exclui. No corpo se faz presente o social e o simbólico, que possibilitam construir as representações que dão sentido às suas práticas (Bezerra, 2021, p. 2).

O corpo, portanto, está inserido numa série de práticas sociais que lhe delimitam, mas que lhe proporcionam a comunicação, a construção em conjunto do conhecimento. As práticas sociais, o sistema social vivido e as relações sociais em que estão inseridos podem ser transformadas pelo corpo consciente, no entanto, num contexto disciplinar, enclausuram o corpo numa percepção limitada e normatizada da realidade. Para compreender o enclausuramento do corpo consciente e entender como a escola pode ser um espaço de constituição de um corpo inclinado às práticas de autonomia e liberdade, entendo ser necessário passar pelas elaborações de Michel Foucault acerca do poder disciplinar e como ele marca o corpo, tornando-o útil aos desígnios do poder.

O corpo disciplinado

Nesta seção, serão expostas as noções de poder, a especificidade do poder disciplinar para então atingirmos a noção de corpo e sua imersão em relações disciplinares.

Foucault (1999) realizou uma pesquisa acerca das relações de poder na Europa a partir de meados do século XVIII. Essas relações forneceram a base para o desenvolvimento do sistema capitalista, para a organização dos Estados-nação e tiveram como função a docilização dos corpos, a fabricação de corpos dóceis que, de maneira microscópica, puderam ser e ainda são marcados pelo poder para exercer funções produtivas em empresas, no exército, na família, na escola entre outras instituições.

Para Foucault (1995), poder é exercício, ou seja, é aquilo que é visto em prática. Não se concentra em uma instituição ou em um indivíduo, mas é o resultado de uma relação de forças entre indivíduos ou grupos de indivíduos. Para além, poder não se contrapõe à ação: o poder pode ter papel repressivo, mas tem, acima de tudo, um papel produtivo. O poder produz condutas, produz realidade.

Este entendimento não é restrito ao poder disciplinar, mas ao poder em geral. O poder, enquanto relação, é produtivo. Em sua manifestação histórica disciplinar, ele produz corpos dóceis, produz indivíduos por meio de processos de isolamento, vigilância e punição. Isso significa que o poder disciplinar é uma estratégia histórica específica e fruto da própria dinâmica das lutas sociais de sua época:

E aquilo que se deve compreender por disciplinarização das sociedades, a partir do século XVIII na Europa, não é, sem dúvida, que os indivíduos que dela fazem parte se tornem cada vez mais obedientes, nem que elas todas comecem a se parecer com casernas, escolas ou prisões; mas que se tentou um ajuste cada vez mais controlado – cada vez mais racional e econômico – entre as atividades produtivas, as redes de comunicação e o jogo das relações de poder (Foucault, 1995, p. 242).

Quando é possível observar relações de poder que se integram e apontam para um mesmo sentido, temos uma estratégia de poder. A estratégia de poder é o resultado de um conjunto de relações integradas no seio das lutas políticas e sociais de um dado momento histórico.

Não se trata de uma estratégia dominada ou criada por uma consciência, por um estrategista, mas de um resultado histórico e instável das relações que são praticadas e que podem ser apropriadas e aperfeiçoadas por um grupo social.

Este poder disciplinar, que isola, vigia e pune, fabrica corpos sob a forma individual, ou seja, para Foucault (1999), a forma-sujeito individual, o indivíduo como nós o entendemos e como nós somos constituídos em sociedade, é uma forma fabricada socialmente, historicamente, portanto, não é um dado a-histórico ou universal da realidade. O indivíduo é produto do poder:

O indivíduo é sem dúvida o átomo fictício de uma representação “ideológica” da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama a “disciplina”. Temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele “exclui”, “reprime”, “recalca”, “censura”, “abstrai”, “mascara”, “esconde”. Na verdade o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção (Foucault, 1999, p. 161).

Ou seja, a disciplinarização é um jogo complexo entre saber e poder, entre discursos acerca do indivíduo, acerca da possibilidade de individualização através de técnicas disciplinares e acerca do aumento de produtividade necessário naquele momento histórico. O sucesso do poder disciplinar está no fato de que ele serviu como resolução de um problema específico que emergiu no século XVIII, que foi a necessidade de produção regular em empresas capitalistas, ao mesmo tempo, está no lugar que uma estratégia do poder se situa do ponto de vista social: ela cria a realidade que lhe é favorável através de suas técnicas.

Ao mesmo tempo, o corpo é aquilo que está imerso neste jogo num sentido político. Ao se falar sobre a concepção do corpo enquanto força produtiva, são identificados os processos políticos que inserem o corpo num status produtivo, vejamos:

O corpo humano é, nós sabemos, uma força de produção, mas o corpo não existe tal qual, como um artigo biológico ou como um material. O corpo existe no interior e através de um sistema político. O poder político dá um certo espaço ao indivíduo: um espaço onde se comportar, onde adaptar uma postura particular, onde sentar de uma certa maneira, ou trabalhar de uma certa maneira, ou trabalhar continuamente (Foucault, 2003, p. 259).

Ao declarar que o sujeito não é essencialmente produtivo, ou seja, não pertence à estrutura econômica, a noção de corpo emerge também como aquilo que permite o entendimento dos efeitos do poder na própria constituição do sujeito: corpo é material e o poder disciplinar que marca o corpo, disciplina a própria condição de existência do sujeito ao atingi-lo.

No ambiente escolar, o efeito do poder disciplinar sobre o corpo se apresenta de forma perfeita em sua faceta de vigilância e punição:

A escola e suas técnicas disciplinares fazem com que os indivíduos aceitem o poder de punir e de serem punidos. Nessa perspectiva, o poder disciplinar conquista um lugar privilegiado nos discursos e nas ações, sendo a principal personagem das relações que compõem o universo escolar (Borges, 2004, p.9).

Veiga-Neto, em conjunto com Foucault, entende que a maquinaria escolar é a grande responsável pela disciplinarização na sociedade moderna:

É quase uma banalidade afirmar que a escola vem funcionando, ao longo dos últimos quatro séculos, como a mais importante instituição capaz de moldar disciplinarmente os indivíduos que ela toma para si. A imensa maioria de nós aprende a ser disciplinar (e, no limite, disciplinada), graças às ações das máquinas – como o currículo, o panóptico, as fichas simbólicas etc. – que compõem essa grande maquinaria escolar. Como detalhadamente demonstrou Michel Foucault, a escola constitui-se, enfim, como uma instituição crucial para a instauração da sociedade disciplinar que hoje conhecemos (Veiga-Neto, 2008, pp.145).

No entanto, apesar desta maquinaria estar centrada na disciplinarização dos corpos, a escola é um espaço de possibilidades, um campo de disputa. Se o corpo é marcado pelo poder e, através desta marcação, é individualizado, é justamente uma nova gama de relações de poder que poderá marcar novos corpos e possibilitar práticas de liberdade.

Corpo consciente é uma condição de existência de homens e mulheres, portanto, é descrição do caráter criativo e social da própria existência humana em sociedade, uma descrição que demonstra que a vida é local, inserida numa rede de comunicação imediata que qualifica a existência do humano em ser social. Desta forma, o corpo consciente não é um corpo liberado de relações de opressão, mas inserido nessas relações de tal maneira que os atos de falar, interpretar e modificar a realidade são impreterivelmente sociais.

Já o poder disciplinar é aquele que normatiza o corpo consciente de tal maneira que ele se desloca de uma experiência local para uma experiência abstrata, baseada na própria norma inculcada pelas técnicas disciplinares. O corpo dócil é um corpo necessariamente retirado de seu local e inserido numa rede de relações que favorecem a produtividade, o isolamento e a completa perda de esperança no coletivo. O poder disciplinar elimina a comunhão entre as pessoas de um horizonte de socialização, pois satura a fala, a interpretação e a ação sobre o mundo por meio da constituição de corpos conscientes em corpos dóceis. A educação bancária, como entendida por Paulo Freire (1987), é parte integrante dos processos de docilização disciplinares ao retirar dos alunos a possibilidade da construção do conhecimento a partir de suas vidas ou de participação ativa.

Sob uma perspectiva foucaultiana, o corpo é aquilo que é marcado pelo poder, seja negativamente ou positivamente, seja através da repressão ou da constituição. A estratégia disciplinar do poder mina a possibilidade da realização coletiva local, marcando o corpo por meio de técnicas que são sociais e coletivas, mas que atendem ao desígnio disciplinar do poder.

O corpo consciente que é adequado ao seu contexto social, político e econômico é um corpo marcado por relações de poder que promovem justamente a congregação na produção do sentido. Um tipo de amorosidade que promove a construção coletiva de conhecimento. A dinâmica da amorosidade é uma dinâmica de exaltação do aluno enquanto corpo criativo, digno de ser ouvido e respeitado em seu ato criador.

"No ambiente escolar, o efeito do poder disciplinar sobre o corpo se apresenta de forma perfeita em sua faceta de vigilância e punição" (p.48)



Círculos de cultura como gretas à remarcação dos corpos

Como exemplo concreto da transformação das relações de poder disciplinares em relações de poder de liberdade, é possível citar o trabalho de Vasconcelos e Albarado (2021), que construíram um currículo em conjunto com as comunidades rurais de Parintins, no Amazonas:

A dinâmica das rodas de conversa e do diálogo evidencia não apenas os saberes culturais, sociais, agroecológicos e ambientais como importantes para a prática curricular, mas também a dimensão dos conflitos (Vasconcelos e Albarado, p. 13).

A necessidade da construção de um currículo adequado às comunidades rurais de Parintins tornou possível, numa brecha do sistema educacional brasileiro, realizar tal trabalho coletivamente, fazendo emergir saberes cotidianos das comunidades locais e conflitos que são presentes no dia a dia.

Também ficou patente a experiência das populações locais com as dinâmicas das águas, “caminho de relações sociais, de trocas, de comunicação e de lutas por identidade e relações de pertencimento” (Vasconcelos e Albarado, 2021, p. 13). O que faz emergir a necessidade de investimento em formação docente e discente que abarque o significado das águas para as populações ribeirinhas, importante para a vida no contexto amazônico e, portanto, para uma educação amazônica plena.

O resultado desta ação foi a contribuição coletiva para a construção de um novo currículo específico para regiões rurais, que ainda precisa passar por diálogo com a secretaria da educação do município de Parintins para aprovação.

Esta participação a partir de rodas de conversa afasta o corpo de uma abstração de conhecimento e o coloca como agente criativo, como corpo criativo e decisor em seu próprio contexto social, econômico e político. No contexto urbano baiano, os círculos de cultura se mostraram importantes para:

resgatar as experiências ausentes e negadas por uma escola composta, na maioria das vezes, por uma estrutura rígida, subordinada a uma cultura dominante que não reconhece outros modos culturais de pensar, agir e sentir (Vieira e Silva, 2018, p. 616).

Os autores realizam o uso desta estratégia pedagógica para valorizar os conhecimentos e as experiências do dia a dia de alunos do Programa de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA de um quilombo urbano de Salvador, na Bahia. Tais conhecimentos tendem a ser negados pelas práticas pedagógicas conservadoras (Vieira e Silva, 2018). Novamente, apesar de não alterarem uma maquinaria central na reprodução do poder disciplinar na escola que é o currículo, os círculos foram ferramentas de contrapor a instituição escolar tradicional a partir do espaço social que ela própria possibilita e estabelecer uma denúncia em conjunto, compartilhada, dos efeitos desta própria maquinaria.

Os círculos de cultura são uma possibilidade pedagógica que retira a hierarquia presente na relação entre educandos e educadores por meio de um diálogo guiado pelos próprios participantes. A partir do diálogo estabelecido nos círculos de cultura, é possível construir em conjunto um conhecimento baseado na experiência de cada participante que, com liberdade para falar e garantia de ser ouvido, pode se colocar enquanto corpo criativo, enquanto corpo real justamente na exposição de ideias e experiências que seriam negligenciadas no processo tradicional de ensino na instituição escolar.

Nesta experiência, os alunos puderam expressar a insatisfação com as aulas tradicionais, com os conhecimentos tradicionais e com a relação tradicional entre educador e educando, compartilhando a experiência da vida fora da sala de aula e, de maneira crítica, estabelecendo uma distância entre seus corpos e a maquinaria disciplinar escolar.

Ambos os exemplos concretos são duas formas de abrir gretas para transformações locais, situadas, em que desaprender a pensar “a partir do universo da totalidade e aprender a pensar e atuar em seu exterior” (Walsh, 2019, p. 106) promove uma chance de ação pelas bordas, em que o corpo, enquanto elemento de uma maquinaria disciplinar, possa ser justamente consciente e atuante enquanto um corpo que se situa na linha tênue que separa a marcação de um poder instituído e a abertura para a criação de um tipo de poder inédito-viável.

Considerações finais

Veiga-Neto (2008) salienta um processo de entrada de mecanismos de controle na escola, mecanismo que tem como função modular o desejo e não necessariamente prezam pela ordem através do isolamento e da individualização. Tais mecanismos não atuam excluindo os mecanismos disciplinares vigentes, atuam de maneira concomitante. Embora o objetivo deste artigo não seja o de descrever a noção de sociedade do controle conforme elaborada por Gilles Deleuze, nem discutir a articulação entre mecanismos de controle com mecanismos disciplinares, tal conjunção entre diferentes estratégias de poder demonstram que “a maquinaria escolar está instituindo novos processos de subjetivação e fabricando novos sujeitos” (Veiga-Neto, 2008, p.147). A escola, portanto, não é estanque, não é alheia à atividade humana.

Acredito que este é o ponto que pode ajudar a unir a visão foucaultiana do corpo enquanto aquilo que está submetido a processos de subjetivação, que é marcado pelo poder não só para repressão, mas também para a produção de condutas. A fabricação de novos sujeitos pode e deve ser entendida como um mecanismo que existe na escola enquanto uma condição: a escola fabrica sujeitos através de seus processos sociais de subjetivação instituídos.

Cabe aos educadores, ao compreender este diagnóstico disciplinar da escola, moverem as relações de poder existentes na instituição para contribuírem com novas formas de subjetivação, novas formas de ser e novas formas de atribuir ao corpo uma função criativa, ativa e consciente. O corpo consciente é um corpo apto à transformação e apto a transformar, desta forma, a fé na educação passa pela fé da transformação da realidade através do estabelecimento de novas formas de constituição dos sujeitos alunos.

Referências

- Bezerra, H. P. de O. (2021). O corpo em Paulo Freire: compreensões necessárias à educação física escolar. *XXII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IX Congresso Internacional de Ciências do Esporte*, 2021. Disponível em <<<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2021/9conice/paper/viewFile/14808/7798>>>.
- Brito, A. P. G., Oliveira, G. S. & Silva, B. A. (2021). A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação. *Cadernos da Fucamp*, 20(44), 1-15.
- Foucault, Michel (1999). *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão* (20ª ed.). Vozes.
- Foucault, M. (1995). O sujeito e o poder. Em P. Rabinow & H. Dreyfus (1995). *Michel Foucault – uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica* (pp. 231-249). Forense Universitária.
- Foucault, M. (2003). Diálogo sobre o poder. Em _____. *Estratégia, poder-saber* (pp. 253-266). Forense Universitária.
- Freire, P. (1983). *Extensão ou comunicação?* (7ª ed). Paz e Terra.
- Freire, P. & Nogueira, A. (1983). *Que fazer: teoria e prática em educação popular* (4ª ed). Vozes.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido* (17ª ed). Paz e Terra.
- Freire, P. (1967). *Educação como prática da liberdade*. Paz e Terra.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed). Atlas.
- Minayo (Org.), M. C. S. (2007). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (6ª ed). Vozes.
- Martins, R. M. & Nogueira, P. H. S (2021). A tematização sobre o corpo consciente na educação física escolar: um diálogo à luz da pedagogia de Paulo Freire. *Revista de Educação Popular*, 259–276. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/61769>.
- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção*. (2ª ed). Martins Fontes.
- Silva, A. M. (2015). *Metodologia da pesquisa* (2ª ed). EDUECE.
- Vasconcelos, M. E. O. & Albarado, E. C. (2021). Currículo e saberes dos territórios de várzea e terra firme nas Amazôniaas. *Revista Espaço do Currículo*. 14(2), 1-16.
- Veiga-Neto, Alfredo (2008). Crise da modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle. Sísiso - *Revista de Ciências da Educação*. 7, 141-150.
- Vieira, J. L., & Silva, M. C. de P. (2019). Os círculos de cultura como possibilidade pedagógica na perspectiva da emancipação: uma experiência no proeja de uma escola pública de Salvador - BA, Brasil. *Revista Ibero-Americana De Estudos Em Educação*, 14(2), 601–619.
- Walsh, C. (2019). Gritos e gretas e sementeiras de vida: entretences do pedagógico e do colonial. Em Souza, S. R. M. & Santos, L. C (Orgs). *Entre-linhas: educação, fenomenologia e insurgência popular* (pp. 93-120). EDUFBA.

Como citar este texto

Lima, V. S. (2024) O corpo em Paulo Freire e Michel Foucault como forma de repensar relações de poder intraescolares. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 10, n.1, 38-53. <https://dx.doi.org/10.59068/24476137ocorpo>

RECEBIDO EM:29/05/2024
APROVADO EM: 11/06/2024